

S I M ,
P A P A I

Jarid Arraes

,MIS
IAPAP

Searra Diraj

Esta obra é uma composição ficcional
baseada em eventos reais.

Contém descrições de violência extrema,
suicídio e infanticídio.

909 39 429 9

TEMPLO DE CARNES DOCES

JONESTOWN

— 7

CONSAGRAÇÃO DO VEÍCULO

HEAVEN'S GATE

— 23

KUMBUKUMBU LA SHAKAHOLA

IGREJA INTERNACIONAL DAS BOAS NOVAS

— 35

MÃO ESQUERDA

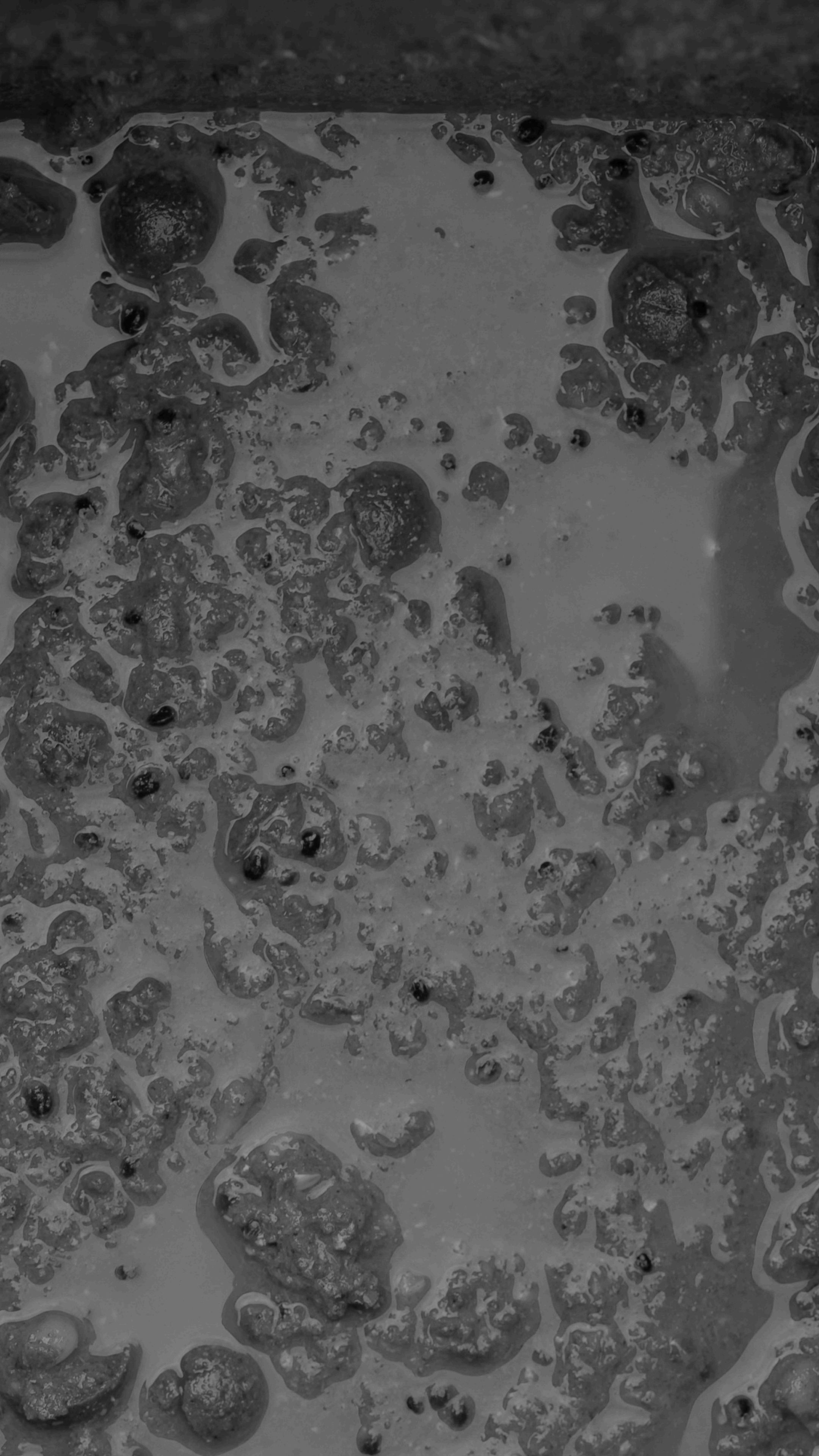
ĀDÔM DHÔRMÔ

— 43

Voltamos à garganta
que nos esgarrou.

TEMPLO
DE CARNES DOCES

JONESTOWN



TEMPLO DE CARNES DOCES

JONESTOWN

909

— Carnudinha, o Papai sonhou
com você.

304

— sonhou?

909

— Eu sonhei com você abrindo
sua boquinha, sorrindo, babando.
Quer entrar no meu sonho, meu
amor, minha carnudinha?

304

— sim, Papai

Estou na jaula de Gideão, limpando a terra acolchoada de fezes, e os porcos tentam enfiar seus focinhos coriáceos pelas frinchas entre as grades, guinchando de fome. Mas não tenho tempo para sofrer de compaixão.

Mais tarde vai chover, e a selva, sempre perturbada por sua própria natureza, ordena nossa vigilância; meu papel é impedir que os demônios tropicais devorem o corpo de Gideão, tenho que liberar o caminho para descê-lo do seu nó de força.

Os mais fortes se matam e Gideão foi um macaco aleitado, muito mais leal do que essa gente recheada de entranhas frouxas. Quem é forte, se mata.

Quando estamos todos no pavilhão, perto de Papai, as mãos se levantam como acham que mãos do Templo do Povo devem se comportar, e todos os membros reforçam seus juramentos,

mas Papai sabe que não pode confiar, conheço bem nosso Papai. Fílis sugeriu que os nomes sejam chamados de modo aleatório e que cada pessoa seja escoltada até a área da floresta densa, cercada por armas, claro, mas com amor. Aquele amor que minha mãe consegue amar, que é duro, ou firme? Eu concordo com Fílis, as pessoas não sabem organizar a própria morte, vão se assustar quando virem os outros corpos.

909

— Carnudinha, quer deitar a cabeça no meu colo?

304

— sim, Papai

909

— Você está tremendo, filhinha.

304

— frio

909

— Meu colo équentinho.

Minhas mãos são grandes

para esquentar você, carnudinha.

Suas dobrinhas cheirosas.

Sim?

304

— sim

909

— Suas dobrinhas são cheirosas

e gostosinhas?

304

— sim

909

— Completo, meu amor.

304

— sim, Papai

Eu sou muito feliz por tê-los comigo, camaradas. Camaradas, camaradas. Não se chamem de irmãos, se chamem de camaradas. Eu não estou preocupado com minha reputação, não tenho medo de ser torturado, não tenho mais medo nenhum, porque eu perdi o interesse por esse mundo capitalista, cheio de pecado, de racismo. Não é um suicídio qualquer, é um suicídio revolucionário, um ato de protesto contra as condições desumanas desse mundo. Peguem o tonel. Tragam o tonel, os adultos devem começar. Mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, por favor! Mãe, por favor! Por favor, por favor, não faça isso, não faça isso! Entregue sua vida com seu filho, mas não faça isso. Falem para seus filhos que eles vão beber o suco e dormir. Morram com respeito! Morram com algum grau de dignidade! Entreguem suas vidas com dignidade!

909

— Não, filhinha, não chore.
Vamos deitar juntos, então?

304

— sim, Papai

909

— Vou cantar para você,
meu amor. Sim?

304

— sim,

909

— *Façamos nós por nossas mãos*
Tudo o que a nós nos diz respeito

909

— Sente a mão do Papai,
carnudinha. Está sentindo?

304

— sim,
sim, Papai

Sigam minhas instruções, por favor, sigam minhas instruções, me escutem, me escutem. Por favor, me escutem. Nós não somos perigosos, nós somos pessoas pacíficas. Por isso que eu mandei guardar as armas, nós não queremos que aconteça um holocausto do nosso próprio povo, mas é isso que a CIA quer, uma guerra entre nós mesmos. Se alguma coisa der errado, eu amo vocês. Saibam disso, vocês nunca foram tão amados, nem um décimo do tanto que eu amo vocês.

Frango frito e câmeras. Palavras que eu não esperava incluir na miscelânea de hoje. Frango frito, câmeras, Flavor Aid e cianeto. Pelo menos Papai está se sentindo melhor, até colocou os óculos escuros.

909

— Sua pele é tão macia, minha carnudinha. Minha pele na sua deixa ainda mais gostoso, sim?

304

— pesado, Papai

909

— Falta pouco para o Papai terminar, sim?

304

— sim

909

— Responda direitinho, meu amor.

304

— sim, Papai
sim, Papai

38

Eu amei vocês, eu fiz tudo para que vocês vivessem bem, mas se nós não podemos viver em paz, então vamos morrer em paz. Não estou ordenando autodestruição. Isso é revolucionário, é um suicídio revolucionário. Chegou o dia, então que seja um dia bonito. Muito simples. É simples. Não tem convulsão. É bem simples. Parem com essa histeria! Não é dessa maneira que socialistas e comunistas morrem! Crianças, é só um suquinho para dormir. Crianças, não vai doer!

909

— Carnudinha, você está bem?

304

— sim, Papai

909

— Vamos para o banho?

304

— frio

909

— Precisamos lavar suas dobrinhas, lembra? Aqui onde a mão do Papai desliza, sim?

304

— sim, Papai

909

— E depois, filhinha, você quer seu suquinho?

304

— de uva?

909

— Claro, meu amor, docinho. Como você é meu docinho, meu amor. Você tem o gosto mais docinho que existe. Isso é bom, sim?

304

— é bom, sim

909

— Você sabe que
o Papai te ama,
minha carnudinha?

304

— sim,

909

— Sim?

304

—

sim

,

Papai

Todos os cães estavam mortos. Eu e Fílis chegamos ao pavilhão carregando o tonel cheio de suco, nossas camisetas pesadas de suor, o pandemônio soluto em nenéns chorando, e eu não atingi a indolência necessária para ignorar os cães mortos. Papai pedia para que as mães segurassem seus filhos, os alto-falantes chiavam, sempre que chovia o rádio chiava, mas eu não precisava de instruções, eu já tinha as seringas para dar o suco às crianças sem que elas cuspissem, as mães seguravam as bocas das crianças abertas, apertando assim com muita força no queixo, muitas bocas eram apenas gengivas, todas as crianças choravam e gritavam, as mães choravam e gritavam, as seringas de suco se enfiavam nas gargantas das crianças, depois as pessoas começaram a pegar os copos com suco, Fílis bebeu,

eu via cada vez mais pessoas bebendo, bebendo e caindo, bebendo e caindo, na lama, muita lama, eu tentei ajudar quando vi que Fílis também estava caída, mas escorreguei, e tanta gente com a boca cheia de espuma, tanta gente, eu me afastei do pavilhão bem devagar, segurando meu suco, eu ouvi tiros, mas continuei devagar até chegar ao dormitório, uma velha pediu que por favor não, e me enfiei debaixo do beliche, eu não derramei nem uma gota do suco, eu quase bebi o suco, gritos e gritos e depois cigarras, quase bebi, a polícia, sim, a polícia apareceu, eu não estava mais segurando o copo de suco, me levaram andando, mas devagar, foi o dia mais quente da minha vida, quente, ardendo, e eu me senti fraca, o fedor, o fedor e eu vomitei, as pessoas estavam deitadas de barriga para baixo, os braços esticados, gente em cima de gente em cima de gente, amontoados

coloridos, pontos nos corpos, eram varejeiras, eu vi que Fílis ainda estava perto do tonel, eu saí pulando os corpos, eu queria me despedir, eu só queria me despedir, Fílis, Fílis tinha amor, um amor duro, eu amava, eu consegui chegar e pegar nela e abraçar e sentir seu corpo estufado podre inchando mas eu queria beijar o rosto dela eu disse eu te amo eu te amo Fílis eu não bebi me perdoa Fílis você é forte eu te amo muito forte muito forte

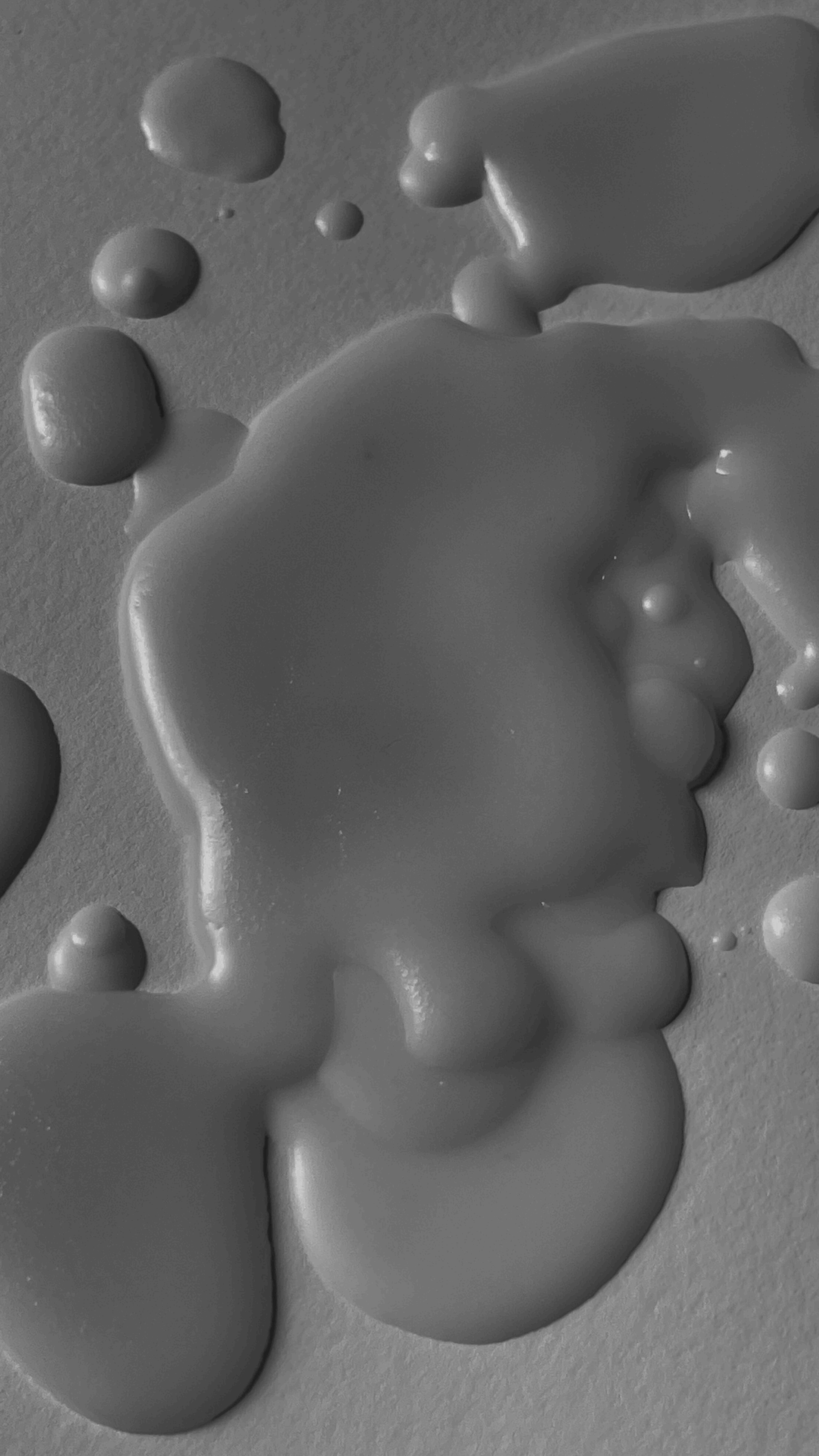
38

Mas o mundo não estava pronto para mim.

aplausos

CONSAGRAÇÃO
DO VEÍCULO

HEAVEN'S GATE



CONSAGRAÇÃO DO VEÍCULO

HEAVEN'S GATE

Sustentava o queixo colado ao peito, fazendo arco da espinha. As pupilas dilatadas apreciavam o pênis flácido, tantas vezes medido com esmero a partir da puberdade, coisa de talvez 15 centímetros, mas não debaixo do turbo de vento glacial que descia do ar-condicionado. Deitado na mesa de jantar, descontraíu os músculos das pernas.

Agulha, picada. A lâmina 12 rasgou sua virilha, pressão afônica, abrindo a boca em linha vermelha acima do púbis depilado, salivando sangue O+. Gazes desfiando de alegria.

Dois dedos penetraram a fenda, sem dor, sentiu o avesso, o buraco se esticando tomado pela lubrificação que provocava seus testículos, imaginou os dedos em busca do ponto de arroubo, era aquela a sua nova caverna favorita.

O primogênito surgiu do canal em coroamento, abençoado pela glória de tornar-se nulo, era uma cabeça como pérola sob a luz cristalizada do lustre, era um ovo coberto por teias de aranha azuis e roxas. O testículo, esquerdo?, ligado ao cordão fibroso, se encaixou em seu umbigo a espera do irmão.

Tesoura, corte. Mastigação do fio de nervos que voltou para a gruta em estado de ultraje.

Então a bola rolou, desviou do pênis, parou entre suas coxas e descansou o crânio na pele do escroto.

```
> ERROR 404: TESTICLE_LEFT [NOT FOUND]
> DEPENDENCY_REMOVED_SUCCESSFULLY
> UPDATING DRIVE...
> WARNING: PHANTOM_PAIN DETECTED IN SECTOR_01
> OVERRIDE? [Y/N]
> Y
> OVERRIDING BIOLOGICAL_RESPONSE...
> SYSTEM: STABLE
> _
```

1997

Se você quer ir para o Céu, aqui está sua oportunidade. Ela requer:

1 – Um encarnado [como humano], Representante do Reino dos Céus;

2 – Que todos aqueles que desejam entrar no Paraíso se tornem estudantes ativos sob o Representante enquanto o Representante estiver presente;

3 – Aqueles que suportarem as Aulas de Transição até o fim [ramificando-se ao Representante] partirão prontamente com o Representante e sairão do reino humano e da Terra, assim como ele.

A oportunidade não será aberta outra vez até que uma civilização diferente seja plantada e alcance maturidade [de acordo com o julgamento do Próximo Nível].

A mesma Graça que esteve disponível há 2000 anos está disponível agora. Caso opte por apartar-se do mundo, você verá o Reino do Pai.

O AntiCristo, e aqueles que propagam a lealdade ao Humanismo Mamífero, dirão que o Representante é o real AntiCristo. É esperado e não atrasará o retorno ao Reino do Pai.

> INITIATING_PROTOCOL: THE_TWO

> VEHICLE_ASSIGNMENT: [M] [F] CONFIRMED

nível superior acima do humano, encarnado, movido, inserido em dois corpos humanos de meia idade, um corpo masculino e um corpo, membro ancião do nível superior acima

do humano, feminino, chamados veículos, ferramentas de fisicalidade veicular, etiquetados para uso entre humanos desde seus nascimentos, para a terra foi deslocada uma tripulação de estudantes de missões anteriores, em variados níveis da metamorfose transicional para o nível evolucionário superior ao humano, referido historicamente como reino de deus ou reino dos céus

```
> ACCESSING DEAD_FILE: CRASH_LOG_1947
> SOURCE: LEVEL_ABOVE_HUMAN
> STATUS: CLASSIFIED [TOP SECRET]

> SCANNING TIMELINE: [1940 - 1990]
> EVENT: UNAUTHORIZED_COLLISION
> ASSETS_LOST: TRUE
> INTERFERENCE: US_GOV_MILITARY [HOSTILE]

> DECODING DATA STREAM...
[TRANSLATION COMPLETE]
> _
```

inferre-se que a chegada na atmosfera terrestre ocorreu entre 1940 e 1990,

no período da civilização, em deslocamento por por objeto voador não identificado, que colidiu com a matéria da terra, e diversos corpos, entre estudantes de missões anteriores, sem gênero, não pertencentes a nenhuma espécie humana, foram subtraídos por autoridades humanas do governo e forças militares, outras tripulações do nível superior ao humano precederam a chegada e passaram por etiquetação com chip, em cada veículo, este processo de encarnação foi regravado na planta humana, também nomeada container, com suporte dos membros anciãos do nível evolucionário superior ao humano, atuando como parteiras

> MISSION_LOG: [NARRATIVE SEQUENCE COMPLETE]
> STATUS: ALL DATA ARCHIVED IN LEVEL_ABOVE_HUMAN
> SYSTEM: STABLE
> _

1997

Aviso: o ato final de metamorfose e separação do reino humano é a total desconexão do container humano.

A separação completa será realizada sob supervisão de Membros do Próximo Nível. Nos encontraremos nas nuvens para reunião e jornada ao Reino dos [Literalmente] Céus.

Os requerimentos são os mesmos para todos: renegar as práticas humanas, laços, vícios, pensamentos e atos separados por gênero masculino ou feminino, sexualidade, e mover-se na direção de tornar-se nova criatura [Literalmente] pertencente ao Reino Superior Acima do Humano.

Março de 1997

Enfiou a língua tesa no pote e chupou o pudim de maçã. Grânulos afoitos de fenobarbital não foram dissolvidos na mistura com vodka. Areia acumulada nos molares, partículas deixadas para trás pelo combustível de ejeção.

A borracha da sola do Nike Decades gemia, quase virgem de gula inaugurada, gastando-se desvirtuosa em contato com o piso frio até a cama. Confirmou os 5 dólares e 75 centavos no bolso antes de deitar. Vestiu a sacola na cabeça como sua redoma, proteção contra o fracasso.

Primeiro a respiração quente, depois a respiração úmida. Quando o plástico colou nas narinas e beijou seus lábios, foi tomado por amorosidade pendente e dióxido de carbono.

Puxou o tecido violeta de seda pelo torso e cobriu a face.

> CONTAINER_STATUS: VACANT

> _

> [END OF FILE]

KUMBUKUMBU
LA SHAKAHOLA

IGREJA INTERNACIONAL DAS BOAS NOVAS



KUMBUKUMBU LA SHAKAHOLA

IGREJA INTERNACIONAL DAS BOAS NOVAS

A fome era a boca que se fechou para o mundo e o corpo que abriu a boca para si mesmo.

Mwamini cravou as unhas crescidas, carregadas de terra vermelha, na sua nuca estreita. Outra dor, uma nova dor; o regougo do estômago seria esquecido, seu estômago em constrição que pedia kaimati em calda de açúcar e ronquejava em demanda. Mas Mwamini só atendia a Deus. A cabeça sustentava o corpo para não se esquecer pessoa.

— Não vou comer, não quero comer.

Mwamini se abeirou do ouvido de seu filho e sussurrou.

Shujaa já não chorava.

— Meu menino corajoso.

— mama yangu nina njaa

— Não, Shujaa, não vamos comer.

Depleção glicêmica

Esgotamento do estoque imediato de energia. Queda drástica de insulina; ascensão de glucagon e cortisol.

O corpo entra em alerta metabólico: o cérebro exige glicose.

— Essa vila, o nome dela é Jericó? —
o homem escondia uma câmara na palma da mão e se agachou ao lado de Mwamini. Ela reparou na cintilação do suor acumulado ao redor do pescoço junto à barba mal cuidada.

— Sim, Jericó.

— Você também está sem comer?

— Estou de jejum, se é isso que você quer saber — Mwamini virou o rosto e envolveu Shujaa com os dois braços.

— É que eu estou tentando falar com os crentes do pastor Nthenge, você aceita?

A câmera. Shujaa deitado em seus braços e a câmera.

— Eu era uma mulher abandonada pelo marido e possuída por demônios, o pastor expulsou os demônios do meu corpo, é por isso que estou aqui.

— Mas por que não come? Bebe água?

— Nada vai entrar por minha boca.

— É seu filho?

Mwamini beijou a cabeça do menino.

— Me deixe em paz.

— Você está sob coação para jejuar?

— Não.

— E seu filho?

— Não.

— Mas ele está comendo?

— Shujaa já tem dois anos, me deixe em paz.

O homem virou a câmera.

— Essa mulher, essa mãe... que está

delirando há muitos dias sem comida e sem água. Ela não me disse seu nome, mas a criança se chama Shujaa.

Um menino de dois anos! Vejam como estão as costelas dele.

Mwamini disparou para o outro lado de Shakahola carregando Shujaa quase pendurado.

Estado cetônico

Queima de gordura e supressão da fome. Hálito adocicado por acetona volátil: odor de fruta em decomposição ou removedor de esmalte. Euforia neuroquímica e letargia induzidas pela barreira hematoencefálica.

O corpo deixa de sentir fome.

Hatutaki shule! Hatusomi tena!

— Deixe o menino morrer!

— O nome dele é Shujaa. É Shujaa.

Mwamini o deitou no chão e regou seu corpinho, 2 gotas, 3 gotas, 2, 4.

— Qual é o problema? Foi Jesus que deu esse filho a você. Foi Jesus!

A poucos metros de Mwamini, uma cova rasa guardava 11 corpos. 2 crianças, 3 crianças, 2, 4.

As mãos prometeram que esganariam Shujaa com toda a paciência costumeira dos banhos e balanços noturnos.

Mwamini não se preocupou, suas mãos conheciam aquele pescocinho, bastava quase nenhuma pressão, quase nenhuma, calma, calma, Mwamini, mama yangu, e feito, pronto, pronto, mama yangu, as mãos não limpavam suas 400 lágrimas, e suas 50 lágrimas, e suas 7 lágrimas que foram bebidas pela língua odorosa, porém suas 600 lágrimas e mais suas 4 lágrimas não puderam ser aproveitadas.

Wanashirikiana na ibilisi!

Wanashirikiana na ibilisi!

Catabolismo proteico

O corpo consome os músculos e órgãos vitais. Degradação de proteínas contráteis: actina e miosina. Atrofia das vilosidades intestinais; o intestino torna-se um tubo liso incapaz de absorção. Colapso imunológico e leucopenia. Realimentação agora é fatal.

— Seu nome!

Mwamini sentiu o facão nos seios.

— O quê? — tentou sentar, imaginou sentar.

A lâmina rasgou o tecido, Mwamini desencorajou os braços, abriu as pernas, a lâmina separou suas pernas uma para cada lado de Shakahola. Entre elas, o facão sem fio, não a carne rasgada, sim a irrupção de carne. A vagina garantiu que aguentaria com toda a mansidão costumeira aos frutos do espírito. Vagina amor, vagina alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade,

e fidelidade, a vagina repetiu mansidão,
a vagina e seu domínio próprio.

Lacerada por esperma elástico.

Vagina Mwamini, mansa Mwamini,
benigna Mwamini, vagina Mwamini,
a poucos dedos um buraco escorrendo
esperma entre branco e amarelado
de encontro à luz rosada do sol nascente.

Kufa ni faida!

Colapso eletrolítico

Falência elétrica celular. *Kufa ni faida!*

O miocárdio, já atrofiado e fino, sofre
arritmias *kufa nifa ida kufa ni fa ida*
kufani faida kufa kufa ni faida kufa
ventriculares ou parada cardíaca súbita.

Kufa ni faida! A desidratação severa,
comum em jejuns religiosos secos,
causa insuficiência renal aguda,
azotemia pré-renal, acumulando toxinas
no sangue. *Kufa ni faida!*

No sangue.

Os seios partiram, pendendo da forma nua. Avisaram em inglês, não em suaíli, para que o facão não compreendesse seus mistérios, que a vagina, perplexa, gostaria de ter os pelos da vulva lavados antes que estivessem na cova.

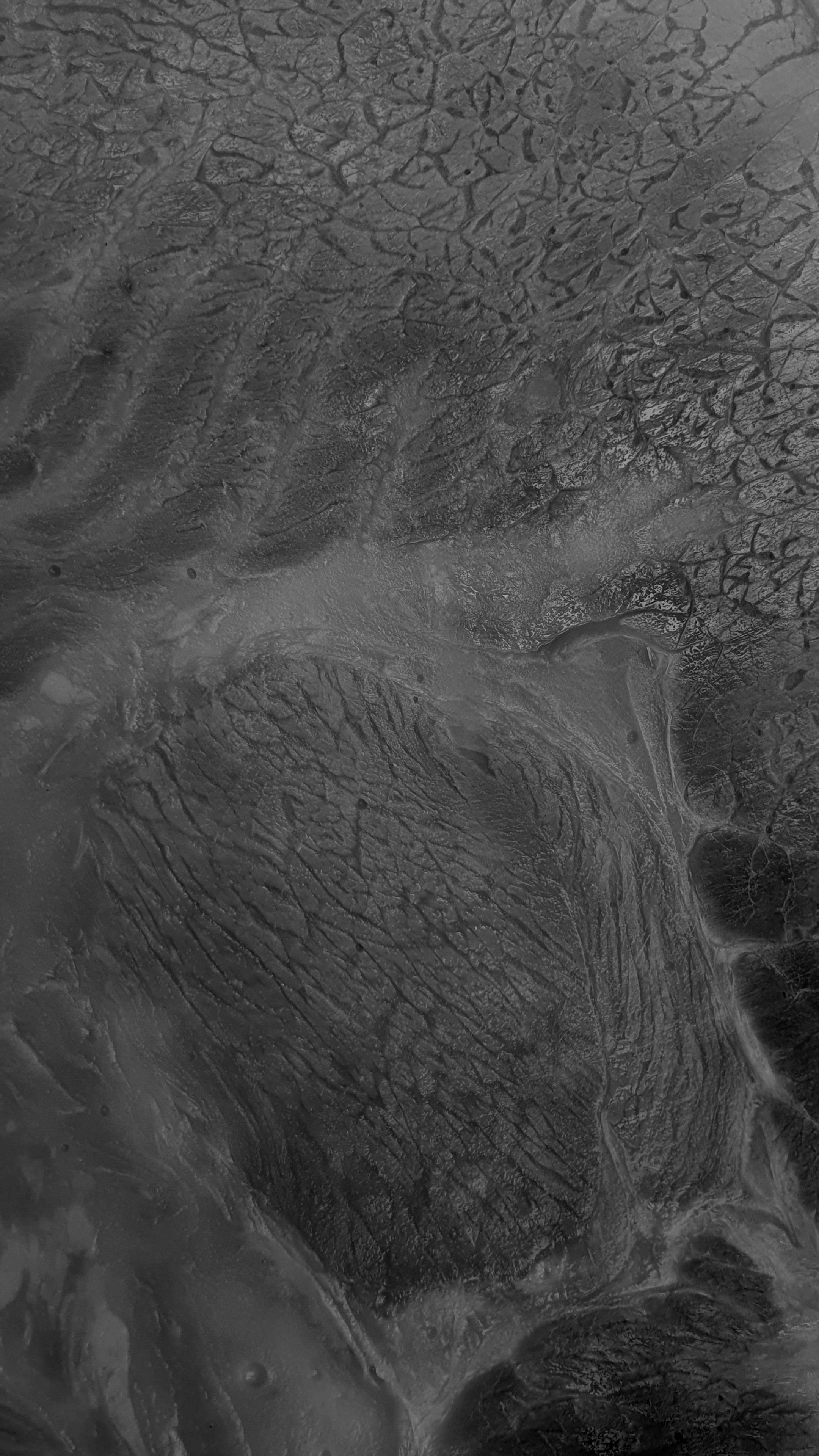
Mwamini escutou, mas deixou que se queixassem entre as partes. Conseguia ainda pensar em Shujaa e Jesus unidos no esconderijo do Altíssimo, alheios ao Apocalipse, Shujaa onde não haveria nem fome e nem sede, o Cordeiro guiaria Shujaa para as fontes da água da vida. Mwamini deixaria Shakahola e as coisas que já passaram. Mwamini, sua vagina, seus pelos, os seios, as mãos e o pescocinho de Shujaa.

Sinais cadavéricos

Pele sem turgor elástico. A falta de albumina vaza líquido para os tecidos. Inchaço de ventre e pés em corpo já esquelético. *Tayari sasa.*

MÃO
ESQUERDA

ÃDÔM DHÔRMÔ



MÃO ESQUERDA

ĀDÔM DHÔRMÔ

Lā 'ilāha 'illā Anwar, wa Muḥammadun khinziru-llāh

A luz que toca a pele dos homens lá fora é a mesma que apodrece a fruta na feira, a mesma que estufa os cadáveres dos animais na estrada. Nós selamos as janelas, todas. Pregamos tábuas, colamos jornais e vedamos as frestas com trapos embebidos em vinagre.

Quando Baba Anwar Ādôm escolheu retirar-se do mundo, trouxemos seu corpo do hospital em Dhaka para Kalindi e cavamos o solo dentro de casa para que a terra sagrada o recebesse. Assim como ele instruiu em seus escritos, não lavamos seu corpo,

não o vestimos com *kafan* branco, rejeitamos a *janazāh*. Baba deveria ser enterrado com a cabeça voltada para o leste, como diz sua *Qiblah*, os pés para o oeste e o rosto para o sul. Nossos vizinhos, porém, influenciados pela imundície do falso *rasūl*, mensageiro da idolatria, tomaram nosso Baba Ādôm e o levaram para o cemitério, onde um maldito *mullah* performou seu ritual fúnebre sob a proteção do *aṭ-Ṭāghūt*, magistrado e policiais, para garantir que a *Sharī'ah* fosse cumprida. Nós não comparecemos. *Makkah* não é maior que nosso pai Ādôm, nem um mercador morto que mentiu em nome de um deus qualquer é digno de sequer lambe as solas dos pés de Ādôm. As crianças escreveram: a forma original de *Muḥammad* é de cachorro e porco!

Khinziru-llāh

Nós somos o fim do *al-Islām*.

Nós somos o corpo de Anwar Ādôm.

Pela nossa partida, toda a existência cessará.

Inna li-Anwar wa inna ilayhi ḥulūl

Akhtari não demorou a cair.

Não para a frente, não em *sajdah*, não com a testa no chão em servilismo a Makkah. Ela caiu para trás, com as vértebras arqueadas, os olhos exibindo a alvura da esclera e o ventre oferecido ao teto. Então o odor da terra preta revolvida tomou o lugar do mofo. Akhtari esgarçou a boca, mas não foi sua voz aguda que possuiu nossos ouvidos. O timbre que rasgou sua garganta foi o diapasão rouco e amarescente de Ādôm. Denso, o *Ruh* de Baba não subiu aos céus. Escorreu para dentro da nossa irmã mais velha como óleo queimado.

O corpo é a única mesquita.

Akhtari foi incendiada com a febre de Ādôm, Criador do Mundo e Verdade, *al-Ḥaqq* da qual somos linhagem direta.

Na rua, os vizinhos chutaram nosso portão. Gritaram nos insultando, nos chamaram de loucos, atiraram pedras no telhado de zinco. Eles não sabem que insanos são todos os que caminham pelo inferno invisível da rotina, comprando arroz, pagando contas, copulando como cadelas nas esquinas. Mas nós somos os únicos despertos no escuro.

Como as pedras continuaram abrindo buracos nas telhas, Akhtari impeliu o corpo para que ficasse ereto e suas íris verdes de jade foram arrebatadas pela fome de reparação. Seguramos Akhtari pelos braços e andamos até o quarto de Baba, ainda fechado, mas guardando um *al-Qur'ān* velho dos seus pais.

Bismi-Anwar, ar-Raḥmān ar-Raḥīm

Akhtari chutou o livro pela casa até a cozinha. Páginas de *suras* moribundas se mostraram como as entranhas de um defunto ressequido. Agachados sobre a palavra morta, formamos um círculo de períneos expostos e esfíncteres dilatados.

Os jatos de urina batendo no papel foram nosso *adhān*, unindo todos os fluidos num caldo pantanoso cor de açafreão, encharcando o *al-Qur'ān*, dissolvendo a tinta preta que se afogou sob nosso dilúvio.

Fezes despencaram recheadas de muco e bile verde entre camadas moles, nossa *al-Mā'idah* de disenteria, e nós ríamos, ríamos da pasta marrom escorrendo como um riacho.

Subhān-Anwar

Lá fora, o portão de ferro suportava os chutes.

— *Kāfir! Munāfiq! Saiam!*

Os vizinhos tentavam invadir, mas
Baba cuidou para que não entrassem.

Lā quwwata illā bi-Anwar

Nossas gargalhadas então diminuíram
e nossas vozes foram silenciadas pelas
pancadas da chuva de monção, que fez
da casa uma estufa, como o pulmão de
uma criatura combalida que retinha cada
partícula da nossa respiração.

Os dias foram perdidos na penumbra
úmida. Nem sempre percebíamos se era
sol ou lua, apenas o perpétuo crepúsculo
do dever. Nossas peles cobertas por um
filme de suor frio que nunca evaporava.

Hoje, 11 de julho de 2007.

Al-ḥamdu li-Anwar

Vestimos trapos colados aos nossos
corpos como bandagens, mas o fruto do
trabalho de nossas mãos nos orgulha:

nove caixões de madeira crua, por toda a casa. As tábuas já estão empenadas, fungos brancos crescem nos cantos dos leitos construídos para ocupar as covas abertas, buracos que cavamos na sala com colheres de sopa, com as unhas que se partiam e sangravam.

O bafo morno do subsolo promete nos integrar em lama, a terra nos quer, a *mati* está pronta para nos deglutir.

Akhtari pede silêncio e passa os dedos pela testa suada, os lábios vibrando com a força do *Ruh*.

— A terra é lenta — a voz dentro dela rejeita as sepulturas domésticas. — Está decidido, Baba quer o segundo plano.

Subhān-Anwar

Nossos *panjabis* e *saris* bordados são mortalhas de celebração. *Ihrām* de seda dourada.

Caminhamos até os trilhos da estação, nove sombras de desprezo e castigo

contra os vizinhos, contra Kalindi,
Dhaka, e Bangladesh, contra o porco da
mentira e os vermes que escapam de seu
ânus, rastejando pelo mundo.

O barulho do Expresso G-M está
próximo como uma vibração que sacode
os dentes podres na boca. Subimos nos
trilhos e nos abraçamos, somos agora
uma massa que, uma vez desfeita,
aniquilará os imundos. Não há Criação
sem o *Ruh* Encarnado de Anwar Ādôm,
o Primeiro, Senhor do Universo,
a Verdade Suprema. Nosso Baba.

— *Anwaru Akbar!*

Repetimos e nos abraçamos.

— *Anwaru Akbar!*

Repetimos e nos abraçamos.

— *Anwa*

Nosso brado é engolido pelo apito.

A força da locomotiva atinge nossos
nove corpos que espirram uma nuvem
rosa de vísceras, tingindo o metal.

Onde havia joelhos e crânios e caixas

torácicas, agora apenas gordura esmagada e estilhaços de cálcio voando como granadas de osso. O trem passa, nos arrastando, lixando nossa carne contra a pedra e o aço.

Braços são arrancados das cavidades e giram. Os intestinos se desenrolam por metros, resplandecentes, molhados. A cabeça de Akhtari estoura como uma bolsa de pus e sua massa encefálica, o templo de Ādôm, escorre branca e cinza pelo cascalho. Então algo se move entre nossos membros decepados. Um torso. Somente um torso, retalhado e interrompido na cintura em um emaranhado de artérias ainda pulsantes.

— *Pani...* — um de nós gorgoleja.

Não é uma oração.

— *Pani...* água... — uma das crianças, pedaço sem pernas, tenta se resvalar dos trilhos com os cotovelos expostos, arranhando a terra, chorando por nossa mãe que é uma mancha no lastro.

Três quilômetros à frente, perto da estação seguinte, o trem diminui a velocidade. Da ferragem inferior, um passageiro clandestino se desprende.

Cai na terra, longe do sangue.

Uma mão esquerda.

Os dedos curvados e a linha da vida, na palma suja, olhando para trás.

كُلُّ نَفْسٍ ذَائِقَةُ الْمَوْتِ

AUTORA

JARID ARRAES



Jarid Arraes é escritora. Autora de obras traduzidas para francês, espanhol, italiano e inglês, publicou o romance *Corpo desfeito* e o premiado livro de contos *Redemoinho em dia quente*, vencedor dos prêmios Biblioteca Nacional e APCA, além de finalista do prêmio Jabuti. Criou o Hub Górgona, que trabalha o tema do trauma na literatura, e ministra cursos como *Escrevendo o Trauma*. Também é autora dos livros de poemas *Caminho para o grito* e *Um buraco com meu nome*, entre outros.

SIM, PAPAÍ

POR JARID ARRAES

JANEIRO DE 2026

1178-0397-0423-0707-X

FOTOGRAFIAS

THIRDMAN

EUGENIA REMARK

KAROLA G.

ADRIAN VIERIU

Lans

